



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE LETRAS**

**DEPARTAMENTO DE LÍNGUÍSTICA, PORTUGUÊS E  
LÍNGUAS CLÁSSICAS**

**ANANDA MAIA MACHADO VENDRUSCOLO**

**A FLEXÃO VERBAL EM FALARES RURAIS GOIANOS: O CASO  
DA 3ª PESSOA APLICADA À 1ª PESSOA**

**BRASÍLIA  
2023**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS**

**A FLEXÃO VERBAL EM FALARES RURAIS GOIANOS: O CASO  
DA 3ª PESSOA APLICADA À 1ª PESSOA**

**VERBAL INFLECTION IN RURAL SPEECHES FROM GOIÁS: THE CASE OF THE  
THIRD PERSON APPLIED TO THE FIRST PERSON**

Monografia apresentada à disciplina Seminário de Português, no curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília -UnB, para obtenção do grau de Licenciado.

Aluna: Ananda Maia Machado Vendruscolo  
Orientadora: Profa. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

**BRASÍLIA  
2023**

Dedico este trabalho ao meu pai, Everton Potrik Vendruscolo (*in memoriam*), exemplo de alegria e resiliência, que há pouco tempo nos deixou.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, principalmente à minha mãe e à minha avó, por sempre me apoiarem e me incentivarem a seguir profissionalmente meu amor pelas letras e pelo ensino, mesmo com as dificuldades vivenciadas na profissão.

Agradeço aos professores da Universidade de Brasília, que auxiliaram no meu crescimento acadêmico e pessoal, com destaque à minha orientadora, Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles, por me inspirar com seu entusiasmo pela linguagem e pela forma emocionante que discute sobre ela, além de sua disponibilidade e empenho na elaboração deste trabalho.

Agradeço também às minhas amigas Anna, Bruna, Thamires e ao meu namorado, João, por todo apoio e pelas experiências memoráveis vivenciadas durante a graduação, mesmo estudando em universidades diferentes, e ao meu amigo Roberto, que conheci na Universidade de Brasília.

Agradeço, por fim, à natureza, que, com sua majestosidade, me possibilitou momentos de calma, inspiração, reflexão e renovação durante esse período.

## RESUMO

Neste trabalho, investigamos o uso da flexão verbal na fala de comunidades rurais de Pombal, Traíras e Acaba Vida e Faz Tudo, localizadas no estado de Goiás (GO), verificando a generalização da forma de terceira pessoa aplicada à primeira pessoa do singular, no presente do indicativo, conforme ocorre em *corpora* organizados por Rezende e Pádua (2004). Estruturas como *eu tem, eu vem, eu sabe* são exemplos desse fenômeno, uma vez que a desinência número-pessoal de primeira pessoa do singular não é observada nos verbos citados, não havendo, assim, distinção em relação à terceira pessoa do singular. O foco do estudo consiste na identificação dos verbos em que se verifica o fenômeno, bem como na análise das condições estruturais que determinam sua manifestação no sistema gramatical. Para tanto, partimos de estudos prévios que verificam a ocorrência desse fenômeno em comunidades rurais afro-brasileiras, acrescentando os resultados obtidos nos *corpora* examinados. O estudo demonstra que o fenômeno nem sempre se confirma em função da descendência africana dos falantes nos contextos investigados, sendo sua ocorrência preferencial em contexto de pergunta e resposta, em que estão envolvidos referentes de primeira e segunda pessoa (embora a segunda pessoa esteja associada ao pronome ‘você’, que se vincula à flexão de 3ª pessoa). Estendemos o estudo à ocorrência da primeira pessoa do plural, e conferimos, além do uso variável entre *nós* e *a gente* para expressá-la, a possibilidade de variação em relação ao uso do sufixo flexional de 1ª pessoa do plural e de 3ª pessoa do singular no verbo. Constata-se o favorecimento da flexão de 3ª pessoa do singular, o que aponta para a tendência à regularização do paradigma nos contextos investigados.

**Palavras-chave:** flexão número-pessoal; primeira pessoa; fala rural goiana; morfossintaxe; comunidades rurais caipiras e afro-brasileiras.

## ABSTRACT

In this work, we investigate the use of first person inflection in the language spoken in the rural communities of Pombal, Traíras and Acaba Vida e Faz Tudo, located in the state of Goiás (GO), verifying the hypothesis of generalization of the 3rd person form applied to the first person in the singular of the indicative, as found in the *corpora* organized by Rezende and Pádua (2004). Structures such as *eu sabe*, *eu vem* and *eu tem* are examples of this phenomenon, since the number-personal ending of first person singular is not observed in the cited verbs, thus, implying that there is no distinction with respect to the third person singular ending. The focus of the study consists in the identification of the verbs involved in the observed phenomenon, as well as in the analysis of the structural conditions that determine its manifestation in the grammatical system. We start from previous studies in which this phenomenon is investigated in Afro-Brazilian rural communities, further including the results from the *corpora* investigated in the present study. We verify that the occurrence of this phenomenon is not restricted to speakers from Afro-Brazilian communities. We also show that it is found in the context of question and answer in which first and second person participants are involved (although the second person is expressed by ‘você’, which controls the 3<sup>rd</sup> person inflection. We extend the analysis to the occurrence of 1<sup>st</sup> person plural, which involves the variable use between *nós* (we) and *a gente* (the people), as well as the possibility of variation in relation to the use of 1st person plural and 3rd person singular inflectional suffix. We note that the 3rd person singular inflectional suffix is preferred, pointing to the regularization of the paradigm in the contexts investigated.

**Keywords:** personal-number inflection; first person; Goiás rural speech; morphosyntax; rural *Caipira* and Afro-Brazilian communities.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO-----	08
2 ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS DAS COMUNIDADES RURAIS GOIANAS DE POMBAL, TRAÍRAS E ACABA VIDA E FAZ TUDO-----	14
3 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO-----	18
<b>3.1 A flexão verbal na primeira pessoa do singular-----</b>	<b>18</b>
<b>3.2 Análise geral do fenômeno de não marcação da primeira pessoa do singular na estrutura verbal-----</b>	<b>27</b>
<b>3.3 A flexão verbal na primeira pessoa do plural -----</b>	<b>29</b>
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	32
5 REFERÊNCIAS-----	35

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal o estudo do fenômeno da não marcação da flexão da primeira pessoa do singular observado em alguns verbos na fala de comunidades rurais goianas, em confronto com os usos observados em outras variedades vernaculares (e na língua padrão), assim como a análise das condições estruturais que determinam sua manifestação no sistema gramatical, tendo como base dados extraídos de *corpora* organizados por Rezende e Pádua (2004). Estruturas como *eu sabe*, *eu vem* e *eu tem* são exemplos desse fenômeno, uma vez que a desinência número-pessoal de primeira pessoa do singular não é observada nos verbos citados, não havendo, assim, distinção em relação a da terceira pessoa do singular. Esse fenômeno também foi encontrado por Lucchesi (2009) e por Mattos (2022) em estudos sobre as comunidades afro-brasileiras de Helvécia-BA e Kalunga-GO, respectivamente, sendo considerado, em Lucchesi (2009), um traço dialetal, atribuído à situação de contato linguístico entre o português e as línguas africanas, no período colonial.

Nesse sentido, o objetivo é ampliar a base de dados, verificando a ocorrência do fenômeno em comunidades rurais, considerando-se que nem sempre se confirma a descendência africana dos falantes nesses contextos. Para além da questão do contato linguístico, buscaremos verificar a hipótese de generalização da forma de 3ª pessoa, no paradigma flexional dos verbos no presente do indicativo. Diante disso, será estudado também, de forma complementar, o uso das formas pronominais *nós* e *a gente* e a predominância do uso daquela em detrimento desta nas comunidades entrevistadas, tendo em vista, também, a possibilidade de variação em relação ao uso do sufixo flexional de 1ª pessoa do plural e de 3ª pessoa do singular.

Os *corpora* analisados são subdivididos em três *corpus* que agrupam amostras linguísticas de quatro comunidades rurais minorizadas do estado de Goiás formadas, entre o século XVIII e XIX, nas regiões de exploração aurífera. O primeiro *corpus* é composto por dados linguísticos extraídos da comunidade remanescente de quilombola Pombal, situada no município de Santa Rita do Novo Destino, região Centro-Norte de Goiás. O segundo *corpus* compreende os dados das comunidades Acaba Vida e Faz Tudo do município de Niquelândia-GO, no norte do Goiás. Por fim, o terceiro coleta dados da comunidade rural de Traíras, também situada no município de Niquelândia-GO.



Segundo Mattoso Câmara Jr, renomado linguista brasileiro, em seu último livro “Estrutura da Língua Portuguesa”, clássico da linguística brasileira, o padrão geral dos verbos apresenta a seguinte fórmula: T (R+VT) + SF (SMT+SNP), uma vez que:

o verbo é em português o vocábulo flexional, por excelência, dada a complexidade e a multiplicidade das suas flexões. As duas noções gramaticais de tempo e modo, de um lado, e, de outro lado, de pessoa e número do sujeito, que a forma verbal indica em princípio, correspondem a duas desinências, ou sufixos flexionais, que podemos chamar, respectivamente, sufixo modo-temporal (SMT) e sufixo número-pessoal (SNP). Eles se aglutinam intimamente num global sufixo flexional (SF), que se adjunge ao tema do verbo (T), constituído pelo radical (R) seguido da vogal temática (VT) da conjugação correspondente. (CÂMARA JR, [1970] 2019, p.155)

Nessa perspectiva, como o fenômeno a ser estudado neste trabalho diz respeito ao sufixo número-pessoal (SNP), vale destacar o que foi teorizado por Mattoso Câmara Jr sobre esse morfema flexional:

(...) há 6 sufixos número-pessoais, para indicarem como sujeito o falante ou P(essoa) 1, o falante e mais alguém ou P(essoa) 4, um ouvinte ou P(essoa) 2, mais de um ouvinte ou P(essoa) 5, um ser ou mais de um ser distintos do falante e do ouvinte, ou seja, respectivamente, P(essoa) 3 e P(essoa) 6. (CÂMARA JR, [1970] 2019, p.156)

Desse modo, na construção morfológica verbal da língua portuguesa (padrão), as flexões número-pessoais ocorreriam da forma evidenciada no Quadro 1, havendo, na primeira pessoa do singular, morfema expresso que diferencie a forma verbal de P1 da forma de P3 somente no presente do indicativo, no pretérito perfeito do indicativo e no futuro do presente do indicativo:

Quadro 1: Sistema pronominal e desinências número-pessoais (extraído e adaptado Mattoso Câmara, [1970] 2019, p.161)		
PESSOA	MARCA GERAL	ALOMORFIAS
P1 (Eu)	Ø	-o (no presente do indicativo) -i (no pretérito perfeito do indicativo e no futuro do presente do indicativo)
P2 (Tu)	-s	Ø (no subjuntivo não subordinado ou imperativo) -ste (no pretérito perfeito do indicativo)
P3 (Ele, Ela)	Ø	-u (no pretérito perfeito do indicativo)
P4 (Nós)	-mos	
P5 (Vós)	-is	-stes (no pretérito perfeito do indicativo) -i (no subjuntivo não subordinado ou imperativo) -des (no futuro do subjuntivo)
P6 (Eles, Elas)	-m	

Vê-se, porém, que há uma tendência de redução das desinências número-pessoais no português brasileiro contemporâneo, em que são favorecidas as de primeira e terceira pessoa, tendo em vista a introdução dos pronomes *você* e *a gente*, referentes, respectivamente, à segunda pessoa do singular e à primeira pessoa do plural, uma vez que, por suas propriedades estruturais, vinculam-se à desinência número-pessoal de P3 no verbo.<sup>1</sup> Pelo mesmo motivo, o uso majoritário de *vocês* em detrimento de *vós* para indicar P5 também contribui para essa tendência, uma vez que a forma inovadora se vincula à DNP da terceira pessoa do plural no verbo.

Levando-se as múltiplas variedades linguísticas do Brasil em consideração, podem ser encontradas, na fala brasileira contemporânea, tendo como exemplo o verbo *amar*, as seguintes flexões (cf. Quadro 2), em que se constata que a segunda pessoa do singular e a segunda e a

<sup>1</sup> Cabe notar que enquanto o pronome ‘você(s)’ deriva do pronome de tratamento ‘vossa mercê’, que tem como núcleo o nome ‘mercê’, a expressão coletiva ‘a gente’ tem como núcleo o nome ‘gente’, o que explica a concordância com o verbo na 3ª pessoa. Não vamos nos deter no processo histórico que resultou na gramaticalização dessas expressões, respectivamente, como pronomes de 2ª pessoa do singular e de 1ª pessoa do plural.

terceira pessoas do plural podem ser expressas pela forma *ama*, manifestando uniformemente a forma assumida pela flexão da terceira pessoa do singular na variedade padrão, o que configura um caso de cisão no sistema flexional na marcação da primeira, em relação às demais pessoas do discurso.

Quadro 2: Flexões possíveis para o verbo amar na fala brasileira contemporânea	
P1	Eu amo
P2	Tu amaØ/ amas Você amaØ
P3	Ele/ Ela amaØ
P4	Nós amaØ/ amamos A gente amaØ/ amamos
P5	Vocês amaØ/ amam
P6	Eles/ Elas amaØ/ amam

Para além dessa convergência, investigamos, neste trabalho, a ocorrência de estruturas verbais que se mostram diferentes do que é observado na variedade padrão e em outras variedades vernaculares, dado que a flexão número-pessoal utilizada para se referir à primeira pessoa do singular também não se distingue da DNP da terceira pessoa do singular.

Nesse ponto de vista, sabe-se que o Brasil é um país extremamente plural, abrangendo identidades diversas de diferentes idades, gêneros, classes, raças, etnias, entre outras particularidades e, portanto, o país abrange também múltiplas variedades linguísticas do português brasileiro. De acordo com Alkmim (2001, p.33), “[q]ualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea.”

Ainda nessa perspectiva, tendo em vista a distinção entre a variedade padrão e as variedades não-padrão, ou vernaculares, destaco aqui o que foi discorrido por Mattos (2022):<sup>2</sup>

“According to Mello (1996:18), Brazilian Vernacular Portuguese (BVP) “refers in reality to a continuum of dialects”, in which there are varieties that diverge from Standard Brazilian Portuguese (SBP) to greater or lesser extent. She claims that the varieties spoken in some Afro-Brazilian communities, which are also included in the

<sup>2</sup> De acordo com Mello (1996:18), o Português Brasileiro Vernacular (BVP) “refere-se, na realidade, a um continuum de dialetos”, no qual existem variedades que divergem, em maior ou menor grau, do Português Brasileiro Padrão (SBP). Ela afirma que as variedades faladas em algumas comunidades Afro-Brasileiras, que também estão incluídas no espectro BVP são os dialetos que mais divergem do SBP, e estariam em extremos opostos do continuum. (MATTOS, 2022, p.86)

BVP spectrum, are the dialects that diverge most from SBP, and they would lie on the opposite ends of the continuum.” (MATTOS, 2022, p.86)

Portanto, em um *continuum* que localize as variedades linguísticas brasileiras entre os pontos [+padrão] e [-padrão], a norma padrão estaria no ponto mais próximo de [+padrão], uma vez que configura um modelo idealizado e abstrato da língua. Seguindo-a, tem-se a norma urbana de prestígio, ou norma culta, utilizada em alguns contextos por falantes urbanos e letrados. Estariam localizadas mais ao meio do *continuum* as variedades regionais e urbanas vernaculares. Perto do final do *continuum*, estaria a variedade da fala rural brasileira e, por fim, as variedades brasileiras indígenas, afro-indígenas e as afro-brasileiras estariam localizadas no final do *continuum*, mais próximas de [-padrão] e, portanto, mais estigmatizadas pela sociedade. Nesse sentido, vale salientar o que foi postulado por Alkmim (2001, p 42):

Assim como não existem línguas inferiores, não existem variedades linguísticas ‘inferiores’ (...) os julgamentos sociais ante a língua- ou melhor as atitudes sociais- se baseiam em critérios não linguísticos: são julgamentos de natureza política e social. Não é casual, portanto, que se julgue ‘feia’ a variedade dos falantes de origem rural, de classe social baixa, com pouca escolaridade, de regiões culturalmente desvalorizadas. (...) Em resumo: julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social.

Assim, o Quadro 1, exposto acima, representa apenas uma das diversas variedades linguísticas observadas na fala das identidades brasileiras: a variedade padrão. Desse modo, assumindo uma perspectiva laboviana, de que língua e variação são inseparáveis, sendo a diversidade linguística uma qualidade inerente ao fenômeno linguístico, este estudo busca pôr em evidência o fenômeno da não marcação morfológica da primeira pessoa do singular nas formas verbais na fala de comunidades rurais brasileiras e afro-brasileiras.

Conforme mencionado, esse fenômeno é investigado também por Lucchesi (2009) em estudo sobre a comunidade afro-brasileira de Helvécia, na Bahia, e por Mattos (2022), em trabalho sobre a comunidade afro-brasileira remanescente de quilombola Kalunga, no estado de Goiás. No *continuum* trazido por Mattos (2022), ambas as comunidades se localizam mais próximas do ponto definido como [-padrão] (em oposição a [+padrão]).

Como será demonstrado na seção 2 deste estudo, a comunidade de fala de Pombal, cujas entrevistas integram os *corpora* utilizados neste trabalho, também é afro-brasileira, havendo evidência que se localiza no ponto mais próximo de [-padrão], ao passo que, as comunidades

de fala rural goiana Acaba Vida e Faz tudo e Traíras estariam um pouco mais longe desse ponto, mas ainda bem próximas, quando comparadas a outras variedades linguísticas brasileiras.

Seguindo a perspectiva do que foi exposto acima, este estudo se organizará da seguinte forma: na seção 2, apresento aspectos históricos e socioculturais relacionados à formação das comunidades que constituem os *corpora* deste estudo; na seção 3, apresento os resultados do levantamento de dados relativos ao fenômeno estudado e a discussão sobre sua manifestação no sistema gramatical, assim como aspectos sobre a flexão verbal na primeira pessoa do plural; por fim, na seção 4 apresento as considerações finais.

## **2. ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS DAS COMUNIDADES RURAIS GOIANAS DE POMBAL, TRAÍRAS E ACABA VIDA E FAZ TUDO**

Existem vários estudos sobre a formação sócio-histórica e etnográfica da região Centro-Oeste a partir da invasão portuguesa no território brasileiro, que resultou na colonização do Brasil pelo estado de Portugal. Nesse sentido, além das relevantes reflexões sociais e culturais que podem ser feitas quanto a essa questão, vale ressaltar também que, do ponto de vista da Linguística, o tópico da formação populacional é extremamente relevante para compreender os usos linguísticos da região estudada, tendo em vista a situação de contato linguístico que se verificou no território brasileiro.

Diante disso, e levando em conta os objetivos deste trabalho, me limitarei à utilização da contribuição de Rezende Santos (2008) como base para expor os aspectos históricos e socioculturais das comunidades rurais goianas de Pombal, Traíras e Acaba Vida e Faz Tudo, uma vez que a pesquisadora aborda essas questões em sua tese, trabalhando com o corpus das mesmas comunidades de fala estudadas no presente trabalho. Os dados foram coletados entre os anos 1996 e 2000, a partir de gravação em k7 e VHS, em situações espontâneas do uso linguístico.

Conforme percorrido por Rezende Santos (2008), a formação histórica das comunidades rurais goianas estigmatizadas é instituída pelo “sertanismo predador” – isto é, pelas incursões de bandeirantes paulistas no interior do centro-oeste, em busca de riquezas minerais e nativos para escravizar, durante os séculos XVII e XVIII – e pela interiorização dos jesuítas, à procura de indígenas para catequisar e “civilizar” nos moldes cristãos. Segundo a pesquisadora brasileira Tânia Rezende:

Com as incursões dos bandeirantes e dos jesuítas e com a mineração, arraiais e vilas, aldeamentos e quilombos foram-se formando por todo o Planalto Central, resultando, posteriormente, nas atuais cidades, vilarejos e comunidades rurais remanescentes do ciclo do ouro. Essas comunidades podem ser pequenas vilas, remanescentes de antigos e importantes julgados, aglomerados fragmentados ou dispersos, remanescentes dos quilombos ou de grupos de africanos e seus descendentes, reservas indígenas, remanescentes dos aldeamentos, e as antigas colônias europeias. (REZENDE SANTOS, 2008, p.36)

Passando à análise das comunidades rurais brasileiras em questão, ao dividi-las em dois subgrupos, temos Pombal como a única com falantes *afro-brasileiros*, enquanto os falantes de Traíras e de Acaba Vida e Faz tudo se enquadram no subgrupo dos *caipiras*, levando em consideração a divisão reconhecida por Rezende Santos (2008):

Assim considerando, pode-se dizer que, na área rural brasileira, há a figura do caipira – designação cultural do mameluco – resultante da miscigenação de índios e europeus, habitante dos bairros rurais paulistas e das vilas rurais remanescentes dos antigos arraiais do ciclo do ouro, na área paulista; do indígena, habitante das reservas indígenas, remanescentes ou não dos antigos aldeamentos; dos afro-brasileiros, habitantes dos agrupamentos rurais afro-brasileiros, descendentes ou não de antigos quilombos (veja nota 6); e dos colonos, remanescentes das colônias agrícolas de estrangeiros. (REZENDE SANTOS, 2008, p.40)

De acordo com Rezende Santos (2008), a origem histórica dos caipiras se dá nos bandeirantes sedentarizados no meio rural, caracterizados pela fusão cultural entre portugueses colonizadores e indígenas e por um certo isolamento, mas não total, dado que era mantido o contato do agrupamento com cidades vizinhas, para a venda de excedentes e obtenção de certos produtos básicos, como sal.

Por sua vez, os afro-brasileiros podem ser, ou não, descendentes de antigos quilombos. Como a comunidade afro-brasileira estudada neste trabalho é reconhecida como remanescente de quilombos, pontuo um pouco sobre eles. Os agrupamentos de negros livres ou fugidos, os quilombos, configuram uma forma de resistência contrária ao sistema colonial, sendo essa resistência não só territorial e social, mas também cultural, visto que, como defende Darcy Ribeiro, a escravidão a que foram submetidos os negros é fundamentada em uma força desumanizadora e deculturadora, na medida em que o povo africano trazido ao Brasil foi brutalmente obrigado a deixar de ser ele próprio, primeiro, para depois ser reduzido a ninguém, a ser comparado com um animal. Como descreveu sublimemente o célebre intelectual brasileiro:

A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, sevicar e machucar os pobres que lhe caem a mão. Ela,

porém, provocando crescente indignação nos dará forças, amanhã, para conter os possessos e criar aqui uma sociedade solidária (RIBEIRO, 1995, p.120)

Nesse sentido, falarei agora sobre a comunidade de falantes afro-brasileiros Pombal, localizada no Centro-Norte goiano, no município Santa Rita do Novo Destino e reconhecida, em 2005, como remanescente de quilombos pela Fundação Cultural Palmares.

Segundo Rezende Santos (2008), presume-se que Pombal se formou, no final do século XIX, em um território pertencente a Pirenópolis, antigo julgado de Meia Ponte, que foi povoado durante a exploração aurífera. No século XIX, foram levados mais de 4.000 negros escravizados para Meia Ponte, o que levou à formação de quilombos e aglomerados de negros no território.

Foram entrevistados 22 de 220 habitantes de Pombal, das mais variadas idades, entre 12 e 90 anos, sendo a grande maioria analfabeta, uma vez que, analisando o perfil escolar dessa comunidade, percebe-se que o analfabetismo predomina entre a população acima de 67 anos e a ancianidade é um fator característico do perfil social de Pombal, visto que os habitantes mais jovens emigram, em busca de trabalho, estudo e melhores condições de vida.

Passando para a análise das comunidades de falantes caipiras, temos as comunidades localizadas no norte goiano, no município de Niquelândia, Traíras, Acaba Vida e Faz Tudo. De acordo com o que foi pesquisado por Rezende Santos (2008), o Arraial de Traíras foi fundado em 1735, devido às minas de ouro do rio Tocantins. Com o fim da mineração, observou-se a decadência de Traíras, estando, agora, praticamente desabitada, ao passo que, durante os anos da mineração, constituiu um dos mais importantes julgados do norte goiano. Os seguintes enunciados de Rezende Santos demonstram bem o declínio socioeconômico de Traíras e seu abandono governamental:

Dos antigos prédios públicos restam apenas ruínas, as igrejas destruídas nunca foram reconstruídas e as imagens sagradas nunca foram restituídas por falta de local adequado e seguro para colocá-las. Além das casas residenciais, há apenas um bar em funcionamento (REZENDE SANTOS, 2008, p.139) (...) “Não há escolas em Traíras e, por isso, quando as crianças atingem a idade escolar, normalmente, as famílias que querem colocar os filhos para estudar, deixam o local. Estes não retornam, pois o povoado não oferece condições de vida tais como emprego, por exemplo” (REZENDE SANTOS, 2008, p.141)



Desse modo, a ancianidade é uma marca característica dessa comunidade também. A maior parte da sua população é de descendentes de bandeirantes e bastante clara. Foram entrevistados 3 dos 20 habitantes de Traíras, todos eram analfabetos e estavam na faixa dos setenta anos de idade.

Quanto às comunidades de Acaba Vida e Faz Tudo, foram entrevistados 13 de 130 habitantes. As idades estavam na faixa entre os 46 e os 78 anos, com a predominância de analfabetos, mas com alguns com primário completo. Essas comunidades, como aponta Rezende Santos (2008), são habitadas por migrantes mineiros descendentes de imigrantes italianos, que vieram para o Brasil no final do século XIX e início do século XX. A principal atividade econômica dessas comunidades é a subsistência ou agricultura familiar, mas também há comerciantes locais.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos os dados coletados, seguindo-se uma análise preliminar, com a sistematização dos resultados. Em 3.1, é desenvolvido o estudo das ocorrências em cada um dos verbos em que se evidenciou a não marcação da primeira pessoa do singular, separadamente. Em 3.2, analisamos, em sua totalidade, o fenômeno observado nos dados, em função de sua manifestação no sistema gramatical e da sua distribuição nas comunidades em que foi produzido, trazendo uma breve discussão sobre as implicações para a hipótese do contato linguístico. Por fim, em 3.3 são abordadas a variação entre as formas pronominais *nós* e *a gente* e a questão da flexão de primeira pessoa do plural.

#### 3.1 A FLEXÃO VERBAL NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR

O primeiro ponto a destacar é que, no *corpora*, na maioria dos contextos de primeira pessoa do singular, mantém-se a flexão verbal da primeira pessoa do singular (em contraste com a terceira pessoa), como podemos ver nos exemplos (1) a (4). No entanto, foi observado um fenômeno interessante, que será o foco desta seção, no qual não há a marcação de primeira pessoa do singular na estrutura verbal, não se distinguindo, portanto, da forma correspondente à 3ª pessoa do singular, como demonstrado no exemplo (5):

1. É ... eu vô de ônibu (...) (p.163)
2. Ieu ... moro longe minha fia .. (p.164)
3. E – A senhora foi consultar?  
P1: Fui ... (p.164)
4. Uai eu achei ... achava que aí no Barro Alto saía fulia ... não? (p.14)
5. Iiii mĩa sra eu tem parente pur' esse mund' aí tud (p.63).

Conforme mencionado anteriormente, esse fenômeno foi observado em outros estudos sobre comunidades afro-brasileiras, desenvolvidos em uma perspectiva linguística e sócio-histórica. Lucchesi (2009) o encontrou na fala da comunidade de Helvécia na Bahia, e Mattos

(2022) em seu trabalho sobre a comunidade remanescente de quilombola Kalunga de Goiás. De acordo com Mattos (2022):<sup>3</sup>

in first person singular, BVP verbs generally have a first person suffix marking. In my sample, there are some exceptions to this tendency (...) Although there are only few occurrences of first person singular without a suffix on the verb, it is still an interesting phenomenon. This feature is also found in the ABP variety of Helvécia (Lucchesi *et al.* 2009), but not in the other varieties of BVP, not even in the non-standard rural varieties (MATTOS, 2022, p.99-100)

Nesse sentido, além do que foi constatado por Lucchesi (2009) e por Mattos (2022), foram encontrados 51 dados que manifestam o fenômeno no *corpus* analisado, em que são agrupados dados linguísticos das comunidades rurais Pombal, Acaba Vida, Faz Tudo e Traíras, localizadas no estado de Goiás.

Nos dados analisados, estruturas que evidenciam esse fenômeno são encontradas com cinco verbos: *vir*, *saber*, *sair*, *fazer* e *ter*. Há, porém, uma ocorrência significativamente maior com o verbo *ter*, uma vez que são encontrados 44 dados do fenômeno com esse verbo, ao passo que, com os verbos *vir*, *sair* e *saber*, observam-se duas ocorrências para cada um e, com o verbo *fazer*, é verificado um dado com essa característica. Nesse sentido, estudaremos primeiro a estrutura com verbo *fazer*, em seguida, verificaremos os verbos *vir*, *saber* e *sair*, em que foram encontrados dois dados do fenômeno e, devido à maior produtividade e complexidade de análise, o verbo *ter* será estudado por último nessa seção.

Vale ressaltar algumas similaridades entre esses verbos. Semanticamente, todos são verbos nocionais, atuando, sintaticamente, como núcleo de predicados verbais ou verbos-nominais. Ademais, do ponto de vista morfológico, todos os verbos pontuados são irregulares e pertencentes à segunda ou à terceira conjugação. Todos os dados observados ocorrem no presente do indicativo, exceto em um dado relativo ao verbo *fazer*, que ocorre no pretérito perfeito do indicativo. A partir desse momento, passo a analisar, separadamente, as manifestações desse fenômeno em cada um dos verbos citados acima.

---

<sup>3</sup> (...) Na primeira pessoa do singular, os verbos BVP geralmente têm uma marcação de sufixo de primeira pessoa. Em minha amostra, há algumas exceções a essa tendência (...) Embora existam poucas ocorrências de primeira pessoa do singular sem um sufixo no verbo, ainda é um fenômeno interessante. Essa característica também é encontrada na variedade ABP de Helvécia (Lucchesi *et al.* 2009), mas não nas demais variedades de BVP, nem mesmo nas variedades rurais não padrão. (MATTOS, 2022, p.99-100).

a) Verbo FAZER

A única evidência do verbo *fazer* que expressa o fenômeno estudado ocorre em um contexto de coordenação (sindética), apresentado em (6). A coordenação abrange quatro orações, a primeira tem como núcleo a locução verbal *vô fazê* e as outras três orações possuem, respectivamente, os verbos *tem*, *feiz* e *seio* como núcleos predicadores. A não marcação da DNP de primeira pessoa do singular ocorre em dois desses verbos (*ter* e *fazer*), um seguido do outro, ambos com o sujeito nulo. A participante que produziu o dado é habitante da comunidade de Faz Tudo. A forma verbal padrão *fiz* é observada em 9 (nove) dados.

6. Eu vô fazê cinqüentei' sete ainda ... ô tem ô feiz ... num seio (p.162)

Quadro 3: Distribuição em função do contexto sintático dos dados em que não houve a marcação verbal da DNP de 1ª pessoa do singular- verbo FAZER.

Sujeito expresso	%	Sujeito nulo	%	Pergunta e resposta	%	Precedido de negação	%	Coordenação com sujeito idêntico	%
0/1	0	1/1	100	0/1	0	0/1	0	1/1	100

b) Verbo 'VIR'

Os dois casos em que não há a marcação da desinência número-pessoal de 1ª pessoa do singular no verbo *vir* são produzidos na comunidade afro-brasileira de Pombal. As ocorrências se inserem em contexto de pergunta e resposta e observa-se que, em ambas, o sujeito está expresso na oração. A forma *venho*, com a marcação número pessoal de 1ª pessoa, não foi encontrada nos *corpora*.

7. E - ... o sr. tinha quantos ano quando o sr. vêi a primera veiz ... nessa festa?

P1: Eu ... idade de 12 ano ... de idade ... que eu vem nessa festa (p.123)

8. E – Sr. vem im todas festa?

P1: Toda fest' eu vem (p.123)

Quadro 4: Distribuição em função do contexto sintático dos dados em que não houve a marcação verbal da DNP de 1ª pessoa do singular- verbo VIR.

Sujeito expresso	%	Sujeito nulo	%	Pergunta e resposta	%	Precedido de negação	%	Coordenação com sujeito idêntico	%
2/2	100	0/2	0	2/2	100	0/2	0	0/2	0

c) Verbo SABER

Com o verbo *saber*, são encontrados dois casos do fenômeno, evidenciados em (9) e (10), ambos produzidos na comunidade afro-brasileira de Pombal-GO, ao passo que a forma padrão *sei*, exemplificada em (11), é produzida 134 vezes ao longo dos *corpora*. A forma vernacular *seio*, em que há a marcação da DNP, é produzida duas vezes.

9. E – Sinhô sabe com 'er' o nome?

P1: Num sabe (p.23)

10. E – De quê que é feito aquele negócio sr. sabe?

P1: Eu sabe ( ) faiz é/é ( ) (p.68)

11. E – 'Cê sabe dançá?

P4: Sei (p.60)

Percebe-se que ambos os casos sem a flexão de 1ª pessoa do singular ocorrem em contexto de pergunta e resposta, mas diferenciam-se em função da manifestação do sujeito. Enquanto em (10) há o sujeito expresso, em (9) o sujeito da oração é nulo, mas facilmente referenciado pelo contexto e, em (9), o verbo é precedido pela partícula de negação *num*.

Quadro 5: Distribuição em função do contexto sintático dos dados em que não houve a marcação verbal da DNP de 1ª pessoa do singular- verbo SABER.

Sujeito expresso	%	Sujeito nulo	%	Pergunta e resposta	%	Precedido de negação	%	Coordenação com sujeito idêntico	%
½	50	½	50	2/2	100	½	50	0/2	0

d) Verbo SAIR

As ocorrências do uso da DNP da 3ª pessoa do singular para se referir ao enunciador do discurso com verbo *sair* são evidenciadas nas comunidades de Pombal e Acaba Vida e Faz tudo. Os dois dados observados são apresentados em (12) e (13). Em (12), o sujeito está nulo e a estrutura se insere em um contexto de pergunta e resposta. Já em (13) o sujeito está expresso na oração. A forma verbal padrão do presente do indicativo da primeira pessoa do singular *saio* não é encontrada nos *corpora*.

12. E – Ah você sai na fulia?

P4: Sai (p.60)

13. vô cum toda sastifação ((na igreja)) sô difíce saí ... só memo eu sai assim (p.163)

Quadro 6: Distribuição em função do contexto sintático dos dados em que não houve a marcação verbal da DNP de 1ª pessoa do singular- verbo SAIR.

Sujeito expresso	%	Sujeito nulo	%	Pergunta e resposta	%	Precedido de negação	%	Coordenação com sujeito idêntico	%
1/2	50	1/2	50	1/2	50	0/2	0	0/2	0

e) Verbo TER

Conforme mencionado, a ocorrência do fenômeno estudado é expressivamente maior com o verbo *ter*, quando comparado com os outros verbos, uma vez que são observados 44 dados com esse verbo. Por sua vez, a forma padrão *tenho*, com a marcação de primeira pessoa, é verificada em 11 dados, exemplificados em (14-16):

14. eu tenho medo até de casá ... (p.147)

15. não eu num tenho cunversado cum Grimaldi (p.27)

16. E – E num tem vanta' de aprendê não?

P4: Tenho (p.60)

Quanto aos casos com o verbo *ter* em que a estrutura verbal utilizada não manifesta a flexão de primeira pessoa do singular, assemelhando-se à flexão da terceira pessoa do singular, são encontrados dados em todas as comunidades entrevistadas nos *corpora*. Fazendo uma análise geral do contexto sintático em que aparece o fenômeno no verbo *ter*, verifica-se o

Quadro 7. Nessa perspectiva, iniciamos a discussão com os casos em que o sujeito está expresso e, em seguida, estudamos os casos de sujeito nulo.

Quadro 7: Distribuição em função do contexto sintático dos dados em que não houve a marcação verbal da DNP de 1ª pessoa do singular- verbo TER.									
Sujeito expresso	%	Sujeito nulo	%	Pergunta e resposta	%	Precedido de negação	%	Coordenação com sujeito idêntico	%
33/44	75	11/44	25	13/44	29,45	9/44	20,45	2/44	4,54

Dos 44 casos totais, 33 se manifestam com o sujeito expresso, configurando, assim, 75% das ocorrências do fenômeno com verbo *ter*. Nessas 33 ocorrências, exemplificadas em (17-35), são encontrados 25 dados com polaridade afirmativa e 8 com polaridade negativa. Além disso, quanto ao contexto em que se inserem, são verificados 4 dados em contexto de pergunta e resposta. Ademais, manifesta-se uma única vez um caso de sujeito posposto ao verbo, apresentado em (35).

17. eu tem um poic'aí ..( p. 32 )
18. Não eu o qu'eu tem p'a contá é o qu'eu tô contan' p'a sinhora né (p.56)
19. É nós' aqui num sabe não eu tem vontade de aprendê (p.80)
20. Toda vid' eu tem viola dent' de casa (p.102)
21. eu tem sofrido. nessa minha vida ... (p160)
22. eu tem razão de num gostá de padre (p.180)
23. Não ... Acho que ... ( ) (a po'ca ... fraca ... idéia qu'eu tem) ... acho que num tem idéia de largá nunca (p.116)
24. eu num tem sono (p.192)
25. Ah eu num tem nada (p.160)
26. eu num tem jogo no coipo né (p.168)
27. parece que eu num tem nem coração (p.193)

28. eu num tem tempo” (p. 41)

29. E eu num tem repouso (p.193)

30. Sabe qu’eu num tem base . (P.149)

31. eu num tem pai eu só te/só tem mãe que ess’eu cunhici né (p.51)

32. E – Qantos filho o sr. tem?

P1: Ieu? Eu tem quat’ home ... era/era quat’home e quat’ muié era oito fii (p.57)

33. E – Quantos filhos a senhora tem?

P1: Eu tem seis ... (p.163)

34. – E tem muito tempo que a sra. é crente?

P1: Eu tem graças a Deus (p.193)

35. É diss’ que tem que fazê operação né ieu (p.59)

Analiso, a partir de agora, as ocorrências do fenômeno com o verbo *ter* em casos de sujeito nulo, fazendo uma comparação com os casos de sujeito exposto, com base nos contextos sintáticos em que se manifestam.

São observados 11 casos de sujeito nulo dos 44 totais, representando, assim, 25% dos casos com o verbo *ter*. Vale ressaltar que, além de ocorrências precedidas de partícula negativa e em contexto de pergunta e resposta, adiciona-se na análise dos casos de sujeito nulo a sua realização em contextos de coordenação com sujeito idêntico, visto que se verificam dois casos dessa estrutura com sujeito nulo, ao passo que, com o sujeito exposto, não há nenhum.

Quanto à polaridade, são observadas, no total, 9 (nove) ocorrências do fenômeno com o verbo *ter* precedidas de negação (cf. Quadro 7). Elas foram separadas, no Quadro 7.1, abaixo, em suas manifestações com sujeito exposto ou com sujeito nulo. Dessas nove, oito são com o sujeito exposto -como visto nos exemplos anteriores- e uma ocorrência é com o sujeito nulo, evidenciada em (36):

SUJEITO EXPRESSO	%	SUJEITO NULO	%
8/9	88,88	1/9	11,11



36. parece que eu num tem nem coração parece que num tem nada (p.193)

Como mencionado anteriormente, há dois casos do fenômeno em contexto sintático de coordenação com sujeito idêntico (cf. Quadro 7), sendo que ambas ocorrem em estruturas com sujeito nulo, o que é evidenciado no Quadro 7.2:

Quadro 7.2- Ocorrência do fenômeno com verbo 'ter' em contexto de coordenação com sujeito idêntico			
SUJEITO EXPRESSO	%	SUJEITO NULO	%
0/2	0	2/2	100

Em (36), além da negação, há a duplicação da mesma expressão *parece que (eu/pro) num tem (...)*, compondo uma estrutura de coordenação assindética com sujeito idêntico, estando o sujeito expresso somente na primeira oração e nulo na segunda. O outro caso de coordenação é verificado em (37), uma vez que há uma coordenação sindética já analisada anteriormente. O verbo *ter* aqui estudado é o núcleo predicador da primeira oração com sujeito nulo da coordenação: *ô tem* (correferencial com o sujeito da primeira oração, em que ocorre o pronome 'eu' expresso). Seguem-se as orações coordenadas 'ô feiz' e 'num seio' – a segunda também manifestando o uso uniformidade da flexão com a 3ª pessoa.

37. Eu vô fazê cinqüentei' sete ainda ... ô tem ô feiz ... num seio . (p.162)

Quanto às ocorrências do fenômeno em contexto de pergunta e resposta com o verbo *ter*, no total, ocorreram 13 dados (cf. Quadro 7), sendo que o número de casos com sujeito nulo (nove) é maior do que o número de casos com sujeito expresso (quatro), como demonstrado no Quadro 7.3:

Quadro 7.3- Ocorrência do fenômeno com verbo 'ter' em contexto de pergunta e resposta			
SUJEITO EXPRESSO	%	SUJEITO NULO	%
4/13	30,76	9/13	69,23

Nessa perspectiva, dos 11 dados do fenômeno em estrutura de sujeito nulo com o verbo *ter*, dois ocorrem em contexto de coordenação (exemplos 36 e 37) e nove em contexto de

pergunta e resposta, como vemos a seguir nos exemplos (38-44), podendo, assim, o sujeito ser identificado no contexto discursivo.

38. E – Senhora tem mais fii além dele?

P2: Tem /tem ... êis são treis (p.26)

39. E – Intão pronto intão o sr. num tem mais de cem ano ((todos riem)) sr. tem registro?

P1: Tem (p.55)

40. E – Sr. tem ispingard' aí?

P1: Eu?

E – É

P1: Tem não (p.70)

41. E– O sr. tem alguém lá im Goiânia?

P1: Ieu?

E - É

P1: Tem não ... Tem é cunhido (p.93)

42. E – ( ) O sr. ainda tem a viola seu Santana?

P1: Tem ... a violinha aí ... ( ) (p.91)

43. E – A senhora tem filhos?

P1: Tem ... sô mãe de deiz fii ... Era mãe de dizoito filho ... mai tem só deiz vivo ... (p.162)

44. E – A senhora tem filhos?

P1: Tem só ãa... (p.165)

Por fim, foi observado um caso interessante do fenômeno em contexto de pergunta e resposta, no qual o falante (P1) narra, para o entrevistador, uma história que aconteceu no passado, em que uma terceira pessoa o questionou se ele teria coragem de fazer uma ação-*“Tem corage de pô?”* - e ele respondeu, referindo-se a si mesmo, *“tem”*, o que caracteriza a não utilização da DNP de primeira pessoa do singular no verbo com sujeito nulo.

45. sr. vai pô lá na primera catacumba sr. entrá no cimitero lá no ( ) meia noite” (falei)

“Tá bom” falô “Tem corage de pô?” falei “Tem” (p.191)

### 3.2 ANÁLISE GERAL DO FENÔMENO DE NÃO MARCAÇÃO DA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR NA ESTRUTURA VERBAL

Analisando, em sua totalidade, os casos em que não foi utilizada a DNP da primeira pessoa do singular, pode ser feita uma divisão em função da forma de manifestação do sujeito, isto é, se ele está expresso na oração ou nulo (cf. Quadro 8). Assim, verifica-se que, em 37 dos 51 dados (72,54%), o sujeito está expresso, enquanto os dados com sujeito nulo, por sua vez, representam 27,45% das ocorrências, ou seja, 14 dos 51 dados totais.

Quadro 8: Distribuição do fenômeno em função da forma de manifestação do sujeito			
Sujeito expresso	%	Sujeito nulo	%
37/51	72,54	14/51	27,45

É importante destacar que, desses 14 casos de sujeito nulo, 11 estão em contexto de pergunta e resposta, e 3 (três) em coordenação com sujeito idêntico. Portanto, não há nenhum caso de sujeito nulo que não estivesse inserido em um desses contextos sintáticos que permitem a fácil identificação do sujeito, mesmo ele estando oculto (cf. Quadro 9).

Quadro 9: Distribuição dos casos de sujeito nulo			
Contexto de pergunta e resposta	%	Contexto de coordenação com sujeito idêntico	%
11/14	78,57	3/14	21,42

Em contrapartida, como é verificado no Quadro 10, nos 37 casos com sujeito expresso, 7 (sete) se manifestam em um desses contextos, mais especificamente, no de pergunta e resposta, representando, assim, menos de 20% dos casos com sujeito expresso.

Quadro 10: Distribuição dos casos de sujeito expresso			
Contexto de pergunta e resposta	%	Contexto de coordenação com sujeito idêntico	%
7/37	18,91	0/37	0

Por fim, como constatado anteriormente, o fenômeno em questão foi observado em todas as comunidades entrevistadas. Nesse sentido, ao distribuir os dados de acordo com a comunidade de fala em que foram produzidos, obtém-se o Quadro 11 a seguir:

Quadro 11: Distribuição da produção do fenômeno em função das comunidades linguísticas					
POMBAL	%	ACABA VIDA E FAZ TUDO	%	TRAÍRAS	%
26/51	50,9	17/51	33,33	8/51	15,68

Nessa perspectiva, assumindo a divisão das comunidades rurais entrevistadas em afro-brasileiras ou caipiras – a partir do que é apresentado por Rezende Santos (2008) – depreende-se que, de acordo com os aspectos sócio-históricos e culturais, apenas a comunidade de Pombal é afro-brasileira, ao passo que as comunidades de Traíras e Acaba Vida e Faz tudo são consideradas caipiras.

Portanto, fazendo uma divisão da realização do fenômeno em função dessa classificação, identifica-se que há uma proximidade dos valores obtidos, configurando praticamente uma equivalência entre as ocorrências do fenômeno na comunidade afro-brasileira e nas comunidades caipiras, como evidencia o Quadro 12, dado que estas compreendem 49,01% dos dados, ao passo que aquela envolve 50,98% das ocorrências. Nesse ponto de vista, soma-se essa constatação à análise feita anteriormente por Lucchesi (2009) e por Mattos (2022), em que o fenômeno foi observado nas comunidades afro-brasileiras pesquisadas em seus trabalhos, uma vez que, nos *corpora* deste estudo, ele é verificado não apenas em comunidades afro-brasileiras, mas também em comunidades caipiras.

Quadro 12: Distribuição da produção do fenômeno em comunidades afro-brasileiras ou caipiras			
AFRO-BRASILEIRA	%	CAIPIRA	%
26/51	50,98	25/51	49,01

### 3.3 FLEXÃO VERBAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Nesta seção, apresentamos, inicialmente, uma breve exposição sobre o uso variável de *nós* e *a gente* nas comunidades entrevistadas. Em seguida, há a verificação do uso variável entre a flexão de primeira pessoa do plural (/mo(s)/) e a flexão de terceira pessoa do singular em estruturas verbais cujo sujeito é a primeira pessoa do plural (P4).

Atualmente, no português brasileiro, encontra-se em variação duas formas utilizadas para designar a 1ª pessoa do plural: o pronome pessoal *nós* e a expressão *a gente*. Em geral, o que é observado na norma vernacular não monitorada é a expressiva predominância da forma inovadora *a gente*, em detrimento da forma conservadora *nós*, sendo esta mais utilizada na língua escrita. Porém, nos dados encontrados por Mattos (2022), em seu estudo linguístico da comunidade afro-brasileira Kalunga, foi evidenciado o contrário, como se depreende da discussão de Lucchesi *et al.* (2009: 457-459), citada pela autora:

The pronoun *nós* ‘we’ occurs significantly more often than the form *a gente* ‘the people’ in the sample. This finding differs from the studies on the usage of *a gente* ‘the people’ and *nós* ‘we’ in others BP varieties, in which the use of *a gente* ‘the people’ is significantly higher than the occurrence of *nós* ‘we’.  
(Mattos, 2022, p. 101) <sup>4</sup>

Nos *corpora* analisados nesse estudo, também foi observada, na fala das comunidades rurais goianas Pombal, Acaba Vida, Faz Tudo e Traíras, a predominância da forma pronominal *nós* e suas variações *nóis* e *nói* e *nóir*, em oposição à expressão *a gente*. Foram encontradas 142 ocorrências da forma inovadora *a gente*, como em (46). Já a forma *nós* e suas variações foram observadas em 273 ocorrências, o que verifica um número maior de casos em que há a

---

<sup>4</sup> O pronome *nós* ‘we’ ocorre significativamente mais frequentemente do que a forma *a gente* ‘the people’ na amostra. Esse achado difere dos estudos sobre o uso de *a gente* ‘the people’ e *nós* ‘we’ em outras variedades do PB, em que o uso de *a gente* ‘the people’ é significativamente maior do que a ocorrência de *nós* ‘we’. (Mattos, 2022, p. 101)

utilização desse pronome em relação ao número de casos em que a forma *a gente* é produzida. Vale ressaltar que, dessas 273 ocorrências, exemplificadas em (47-51), 196 foram com a forma *nois/nóis*, a variação sem o fonema /s/ final *nói* ocorreu 62 vezes, o pronome pessoal *nós* ocorreu 10 vezes e *nóir* se manifestou 5 (cinco) vezes.

46. É a/a gente num chinga ... a gente num bebe aico num/num mexe cum festa (p.15)

47. Nós ia muito no Muquém ... (p.38)

48. quando separô nóis cunversamo sobre isso né (p.27)

49. mai nói num sabe se vai cunsigui ... (p.175)

50. nóir nunca mais viu o Antuninh' (p.23)

51. Eis vinha de carro bucá nois aqui uai (p.96)

Em relação à flexão verbal, foi constatado, com a expressão *a gente* em posição de sujeito, que em todos os casos o verbo continha a DNP da terceira pessoa do singular, como demonstrado em (52):

52. a gente fica seno é enganado (p.141)

Já com o pronome *nós* e suas variações, assumindo função sintática de sujeito, foi verificado que os falantes, na maioria dos dados, não marcam no verbo a flexão número-pessoal de P4, como exemplificado no exemplo (63), seguindo-se a quantificação no Quadro 13.

Quadro 13: Uso da DNP de primeira pessoa do plural na estrutura verbal, tendo como sujeito o pronome <i>nós</i> e suas variações.			
Flexão de primeira pessoa do plural manifestada no verbo	%	Flexão de primeira pessoa do plural não manifestada no verbo	%
31/229	13,53	198/229	86,46

Nesse sentido, no *corpus*, quando aparece a forma *nós* e suas variações exercendo função de sujeito, foi observada a flexão de primeira pessoa do plural em 31 dos 229 dados (13,53%), exemplificados em (53- 57), mesmo que em estruturas morfológicas diferentes da DNP padrão (/ -mos/), como é o caso de *viemo* ao invés de *viemos* ou *dam'* no lugar de *damos*.

Por sua vez, o uso verbal sem a DNP de primeira pessoa do plural ocorreu em 198 dos 229 dados (86,46%), como observado nos exemplos (58-65), não havendo, portanto, distinção com a flexão de terceira pessoa do singular, ao fazer uso da DNP zero ( $\emptyset$ )- como em *nóis agradece* ou da redução do ditongo -ou, para ‘-ô’ como variante da DNP marcadora da terceira pessoa no pretérito perfeito do indicativo, como exemplificado em (58) *nós aqui comprô essa casinha*.

53. Nós viemo de mudança de lá (p.138)
54. nós compremo e ficamo (p.148)
55. nói som' é primo (p.12)
56. nois casamo im sessenta e sete ... (p.109)
57. nói dam' a janta
58. nós aqui comprô essa casinha (p.166)
59. aí nóis corrige (p.38)
60. nóis vivia fazen' festa (p.194)
61. nóis antigamente passava por dento aí ... (p.168)
62. Nói morava lá no ( ) Machadim ... (p.166)
63. aí nóis agradece tudo qu'ês fizer' ali (p.43)
64. Aqui o que nóis planta é mii (p.79)
65. graças a Deus nóis quais { num 'duece (p.83)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho investigamos a flexão de primeira pessoa do singular e do plural nas comunidades rurais de Pombal, Traíras e Acaba Vida e Faz Tudo, localizadas no estado de Goiás (GO), tendo como foco o fenômeno da não marcação da primeira pessoa do singular em verbos cujo sujeito tem como referente o falante.

Quanto à flexão verbal na primeira pessoa do plural, percebemos a variação entre o uso do pronome *nós* e da expressão *a gente* para se referir a P4, isto é, ao falante e mais alguém, sendo que, a forma conservada *nós* foi expressivamente mais produzida que a forma inovadora *a gente*. Ademais, verificou-se que, em todos os dados que o sujeito da oração era a expressão *a gente*, foi utilizada a flexão de terceira pessoa do singular. Do mesmo modo, em mais de 80% dos dados em que *nós* ou suas variações assumiam função de sujeito, o sufixo flexional (/mo(s)/) não foi utilizado, como em *nóis vivia fazen' festa*, não havendo, portanto, distinção com a flexão de terceira pessoa do singular.

No que tange à flexão verbal de primeira pessoa do singular, constatamos que, nos *corpora*, na maior parte das vezes, o verbo manifestava o sufixo flexional de P1, como em *eu vô de ônibu*. Porém, evidenciamos também 51 casos em que não havia a flexão de primeira pessoa do singular na estrutura verbal com cinco verbos irregulares: *fazer*, *saber*, *sair*, *ter* e *vir*, desse modo, a irregularidade verbal foi um fator condicionante para a ocorrência do fenômeno. Ele foi observado em dois tempos verbais. Um dado ocorreu no pretérito perfeito do indicativo- (eu) *fez-* e, os outros 50, no presente do indicativo como em *eu sabe*, *eu vem*, *eu tem* e *eu sai*, contribuindo para a hipótese de generalização da forma de 3ª pessoa no paradigma flexional dos verbos nesse tempo verbal.

É importante ressaltar que foi observada uma ocorrência significativamente maior do fenômeno com o verbo *ter*, o que pode ser atribuído a fatores fonéticos, devido à similaridade fonética entre *tem* e *tenho*, assim como entre *vem* e *venho*, porém, essa aproximação não configura um condicionamento decisivo para a ocorrência do fenômeno, uma vez que ela não é presente nos verbos *sair* e *fazer* e, principalmente, no verbo *saber* (*sei* é bem distinto foneticamente de *sabe*).

Partindo para a análise do fenômeno em nível sintático, verificou-se a ocorrência em orações com sujeito exposto e com sujeito nulo, sendo que os casos de sujeito exposto representaram mais de 70% dos dados totais. Vale destacar que, nos casos em que o sujeito



estava nulo, as orações estavam inseridas ou em contextos de coordenação com sujeito idêntico ou em contextos de pergunta e resposta, podendo, assim, o sujeito ser recuperado pelo contexto sintático, nos casos de coordenação, ou pelo contexto discursivo, nos casos de pergunta e resposta.

Ainda sobre os casos em que o fenômeno ocorreu em contexto de pergunta e resposta (com sujeito nulo ou expresso), podemos pensar, em alguns deles, no efeito de gatilho, isto é, na influência de fatores interativos no desempenho do falante. Esse efeito pode ocorrer em casos em que o entrevistador utiliza na pergunta o pronome *você* ou expressões como *a senhora* ou *o senhor*, e, devido à estrutura formal dessas expressões, o verbo apresenta a DNP de terceira pessoa do singular, como em *Sr. vem im todas festa?* e o falante, por sua vez, utiliza em sua resposta a mesma forma verbal para se referir a si mesmo: *Toda fest' eu vem*.

Ressaltamos que o fenômeno da não marcação da flexão de primeira pessoa do singular no verbo foi identificado em sentenças tanto afirmativas como negativas, não havendo, portanto, restrições quanto à polaridade das orações para sua ocorrência.

Por fim, percebemos, ao distribuir os dados em função da classificação das comunidades rurais em que eles foram produzidos entre afro-brasileiras ou caipiras, que o número de ocorrências entre elas foi praticamente igual, havendo apenas um dado a mais na comunidade afro-brasileira, representando 26 ocorrências, ao passo que, nas comunidades caipiras, houve 25 dados.

Desse modo, consideramos válida a ampliação da base de dados do fenômeno já observado por Lucchesi (2009) e por Mattos (2022) em comunidades afro-brasileiras, adicionando sua investigação em contextos rurais que não apresentam descendência africana, mais especificamente, nas comunidades Traíras e Acaba Vida e Faz Tudo, uma vez que, como foi constatado por Rezende Santos (2008), os habitantes de Acaba Vida e Faz Tudo são migrantes mineiros descendentes de imigrantes italianos e as pessoas que residem em Traíras são descendentes de bandeirantes.

Sob esse ponto de vista, encerro o presente trabalho destacando que, para além das especificidades do fenômeno e das condições estruturais e discursivas observadas, que apontam para aspectos relevantes para o entendimento dos sistemas gramaticais, a fala das comunidades entrevistadas é coagida pelo preconceito linguístico, o que reflete o estigma social, infelizmente tão cristalizado na sociedade contemporânea, do sujeito rural brasileiro da classe trabalhadora. Bagno (2007, p.75) ressalta ser “necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito”.

Assim, buscamos mostrar que não há no preconceito linguístico (assim como nos outros preconceitos) fundamento racional, sendo ele “resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica” (BAGNO, 2007, p.13), uma vez que os usos linguísticos observados, além de constituírem marcas identitárias das comunidades investigadas, apresentam regularidade no sistema gramatical, configurando, desse modo, fenômenos motivados e explicados por um aparato teórico.

## REFERÊNCIAS

- ALCKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v.1, 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.21-47.
- BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo, Brasil: EDIÇÕES LOYOLA, 2007. ISBN 85-15-01889-6.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. Edição, estabelecimento de texto, introdução e notas de Emílio Gozze Pagotto, Maria Cristina Figueiredo Silva e Manoel Mourivaldo Santiago- Almeida- Petrópolis, RJ: Vozes,2019. - (Coleção de Linguística)
- LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MATTOS, Ana Paula Braga. 2022. The Afro-Brazilian community Kalunga: linguistic and sociohistorical perspectives. In Eeva Sippola & Danae Perez (Eds.), Postcolonial varieties in the Americas. Berlin: De Gruyter [Colonial and Postcolonial Linguistics].
- REZENDE SANTOS, Tânia Ferreira. A mudança Adjetivo/Nome > Nome/Adjetivo e o conservadorismo da fala rural goiana. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2008.
- REZENDE, T. F.; PÁDUA, H. R. Projeto estudo da fala de Goiás. Corpora linguísticos. Fala Rural Goiana. Universidade Federal de Goiás. 2004.
- RIBEIRO, Darcy. “Moinhos de Gastar Gente” in O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1995. Págs 106-140.
- INTÉRPRETES DO BRASIL: Os caipiras, por Antonio Candido. Isa Grispum Ferraz. Versátil., SuperFilmes, Texto&Imagens 2001. Acessado em 10/04/2021

